



# SENADO FEDERAL

## PROJETO DE LEI DO SENADO

### Nº 425, DE 2007

*Inscribe o nome de Anita Garibaldi no Livro dos Heróis da Pátria.*

O CONGRESSO NACIONAL decreta:

**Art. 1º** Inscreva-se o nome de Anita Garibaldi no *Livro dos Heróis da Pátria*, depositado no Panteão da Liberdade e da Democracia, em Brasília.

**Art. 2º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

### JUSTIFICAÇÃO

Considerada *heroína de dois mundos*, por sua bravura e dedicação às causas libertárias, Anita Garibaldi é homenageada tanto no Brasil e no Uruguai, quanto na Itália e na França, uma vez que se envolveu em episódios fundamentais das lutas de afirmação dessas nações.

Para um de seus biógrafos, o jornalista Paulo Markun, Anita teve uma vida cheia de mistérios, como convém a uma heroína errante: faleceu aos 28 anos de causa até hoje indefinida, um dos muitos elementos que ajudaram a criar uma aura mítica em torno dela. O certo é que entre episódios conhecidos e obscuros, Anita Garibaldi entrou para a história da América Latina e da Europa, onde tem sido homenageada por sua participação em movimentos em favor da liberdade.

Filha de um tropeiro catarinense e de uma sorocabana descendente de açorianos, Ana Maria de Jesus Ribeiro nasceu em 1821, na localidade de Morrinhos, pertencente à Vila de Laguna, da então província de Santa Catarina. Numa família de nove irmãos, sofreu privações e jamais pôde freqüentar a escola. Mas, por outro lado, Anita cavalgava magistralmente, uma habilidade que seria muito útil à guerreira que viria a ser, tempos depois.

Aos quatorze anos de idade, após a morte do pai, desposou Manuel Duarte de Aguiar, em casamento arranjado. Entretanto, com esse primeiro marido, Ana pouco conviveu, pois Manuel foi convocado pela Marinha Imperial para combater os rebeldes farrapos no Rio Grande do Sul, e de lá não mais regressou a Laguna.

A Revolução Farroupilha, daí em diante, acabou por envolver todos os habitantes da região, e não apenas a família de *Aninha do Bentão*, como era então chamada nossa heroína. Deflagrada pela elite riograndense, a revolta exigia maior autonomia em relação ao Rio de Janeiro e melhor aplicação dos impostos pagos, que não revertiam para a província. O contato de Ana com os rebeldes se deu por intermédio de seu tio materno, Antônio, que teve a casa incendiada por ser simpatizante da causa.

Em 1839, chegou a Laguna o líder rebelde Giuseppe Maria Garibaldi, exilado político italiano que se associara aos farrapos. Fugido de sua terra natal, por lutar pela causa nacionalista italiana, Giuseppe veio se refugiar no Brasil. Aqui, em contato com companheiros da mesma luta contra a tirania, associou-se à Revolução Farroupilha, por entender que pugnava em defesa de uma pequena república contra um império opressor. Ao chegar a Laguna, em 1839, onde a revolução fundara a “República Juliana”, Giuseppe Garibaldi se uniu a Ana, passando a chamá-la de Anita. Daí em diante, Anita lutou em várias das batalhas contra os *imperiais*. As narrativas mostram uma mulher que foi, simultaneamente, guerreira, companheira e mãe: capaz de comandar soldados ou enfrentar intempéries, sempre junto do marido, mas dedicada inteiramente aos filhos.

Com as derrotas sofridas pelos farrapos e os desentendimentos da família Garibaldi com os líderes revoltosos, Anita seguiu com o marido para Montevidéu. Nessa cidade, chegou com seu primeiro filho – Menotti; e, ali, nasceriam mais três: Rosita, Teresita e Ricciotti.

No Uruguai, que estava às voltas com as lutas de afirmação, Giuseppe Garibaldi se tornou um líder militar e, ao lado dele, Anita foi novamente aos campos de batalha, como enfermeira.

Em 1847, Anita seguiu para a Europa, antecipando-se à ida do marido. Em Gênova e em Nice, foi recebida como heroína.

O retorno de Garibaldi à Europa, agora acompanhado de mulher e filhos, deu-se num momento em que várias lutas de afirmação nacional, principalmente as de unificação da Itália e de combate ao domínio austríaco sobre vários dos pequenos reinos que compunham aquele país. Sempre em companhia do marido, Anita Garibaldi participou dessas batalhas, ainda que à custa da própria saúde, cada vez mais precária.

Em 1849, grávida, com sintomas de febre tifóide e fracamente alimentada, Anita se pôs em fuga, juntamente com os rebeldes garibaldianos, afinal vencidos. Antes de poder receber cuidados médicos, faleceu em uma fazenda na região de Ravenna.

Mesmo depois de sua morte, Anita foi objeto de episódios que se assemelham a uma martirização: seu corpo foi enterrado por sete vezes, em sucessivos episódios, ora para escondê-lo, ora para preservá-lo, ora para homenagear a falecida guerreira, por fim sepultada em Roma, em 1931, como heroína.

Pela firmeza, bravura e tenacidade, Anita Garibaldi deve ser considerada não apenas heroína, mas até mesmo mártir das causas da liberdade. Será, pois, uma homenagem mais que merecida a inscrição de seu nome no *Livro dos Heróis da Pátria*. Por essas razões, esperamos o apoio dos colegas parlamentares para aprovação deste projeto de lei.

Sala das Sessões, 17 de julho de 2007.

  
Senadora LÚCIA VÂNIA

*(À Comissão de Educação, em decisão terminativa)*

Publicado no *Diário do Senado Federal*, de 18/7/2007.

Secretaria Especial de Editoração e Publicações do Senado Federal – Brasília – DF

(OS:14100/2007)